

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CCSH  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO**

**Sthefanny Saldanha de Oliveira**

**COMPANHIA DE DANÇA AFRO EUWÁ-DANDARAS DE SANTA MARIA  
(RS) E O DEBATE SOBRE COTAS RACIAIS: UMA ANÁLISE DO IMPACTO  
DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA VIDA DE OITO BAILARINAS**

**Santa Maria/RS.  
2021**

**Sthefanny Saldanha de Oliveira**

**COMPANHIA DE DANÇA AFRO EUWÁ-DANDARAS DE SANTA MARIA (RS) E O  
DEBATE SOBRE COTAS RACIAIS: UMA ANÁLISE DO IMPACTO DAS AÇÕES  
AFIRMATIVAS NA VIDA DE OITO BAILARINAS**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Gênero**.

**Aprovado em 30 de abril de 2021:**

---

**Giane da Silva Vargas, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Marta Iris Camargo Messias da Silveira, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (UNIPAMPA)**

---

**Milena Carvalho Bezerra Freire De Oliveira Cruz, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

Santa Maria/RS  
2021

## RESUMO

### **COMPANHIA DE DANÇA AFRO EUWÁ-DANDARAS DE SANTA MARIA (RS) E O DEBATE SOBRE COTAS RACIAIS: UMA ANÁLISE DO IMPACTO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA VIDA DE OITO BAILARINAS**

AUTORA: Sthefanny Saldanha de Oliveira

ORIENTADORA: Giane da Silva Vargas

O objetivo deste trabalho é analisar como o debate e a implementação de ações afirmativas, mais especificamente das cotas raciais, afetou a vida de bailarinas nos âmbitos profissional e pessoal. O tema central deste trabalho é a CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras, grupo atuante da cidade universitária de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Para realizar tal análise, será necessário contextualizar historicamente o estado do Rio Grande do Sul, o Museu Comunitário Treze de Maio, os debates sobre cotas raciais na cidade e a construção da companhia de dança.

**Palavras-chave:** CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras. Museu Comunitário Treze de Maio. Santa Maria. Bailarinas. Graduação. Pós-graduação.

## ABSTRACT

### **EUWÁ-DANDARAS AFRO DANCE COMPANY FROM SANTA MARIA (RS) AND THE DEBATE ON RACIAL QUOTAS: AN ANALYSIS OF THE IMPACT OF THE AFFIRMATIVE ACTIONS IN THE LIFE OF EIGHT BALLERINAS**

AUTHOR: Sthefanny Saldanha de Oliveira

ADVISOR: Giane da Silva Vargas

The objective of this work is to analyze how the debate and the implementation of affirmative actions, more specifically of the racial quotas, affected the life of the ballerinas in the professional and personal scope. The main subject of this work is the Euwá-Dandaras Afro Dance Company, operating group of the college town of Santa Maria, a country town in Rio Grande do Sul. In order to do such analysis, it will be necessary to give an historical context of the state of Rio Grande do Sul, the Communitarian Museum Treze de Maio, the debates on racial quotas in the town and the construction of the dance company.

**Keywords:** Ewuá-Dandaras Afro Dance Company. Communitarian Museum Treze de Maio. Santa Maria. Dancers. Undergraduate degree. Graduate degree.

## 1 SANTA MARIA – RIO GRANDE DO SUL: O CONTEXTO DA REGIÃO

Santa Maria é uma cidade universitária localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul. Aqui, em 1960, foi construída a Universidade Federal de Santa Maria, que ocupou o 3º lugar no ranking das melhores universidades do Rio Grande do Sul e o 21º lugar no ranking de melhores universidades do Brasil em um levantamento realizado pela Folha de São Paulo em 2019.

Figura 1 — Santa Maria, vista de cima.



Fonte: Blog Cidades em Fotos. Site: <https://cidadesemfotos.blogspot.com/>. Consultado em 5 de fevereiro de 2021.

Popularmente, a região sul do país, que engloba também os estados de Santa Catarina e Paraná, costuma ser chamada de "Europa brasileira". Entre os motivos estão 1) a presença histórica de descendentes de europeus na região; 2) a reafirmação da presença de culturas europeias nas localidades, com a realização de eventos culturais como Oktoberfest, por exemplo; 3) as baixas temperaturas nos estados durante o inverno. Na cidade de Santa Maria e seus arredores, não é incomum encontrar pessoas se comunicando em dialetos de língua alemã, bem como há placas de trânsito dando informações sobre a região em alemão no trajeto Porto Alegre – Santa Maria (TESCHE, 2019).

Início o trabalho mencionando o conceito de "Europa brasileira", pois acredito que tal denominação reflete o imaginário popular sobre os nascidos no sul: fora do estado (e dentro dele, em muitos casos), acredita-se que somos todos brancos, de

olhos claros e sobrenome estrangeiro. Entretanto, a população negra existe no sul do país.

Em novembro de 2019, mês da Consciência Negra, o jornal Correio do Povo publicou uma matéria intitulada "Onde estão os negros no Rio Grande do Sul?". No início da reportagem, escrita por Eduardo Amaral, contamos com o relato de Flávio Bandeira, jornalista de 34 anos, nascido em Porto Alegre. Ele afirma: "Ao longo da minha trajetória e de boa parte dos negros, a gente nunca se viu de fato representado, nunca teve aquela figura negra. Nos livros de história, monumentos, eu nunca me enxerguei" (AMARAL, 2019). Como ele conta, é preciso que nos procuremos nos registros históricos e culturais do estado, pois o lugar de pertencente e de constituidor da identidade gaúcha foi algo conquistado.

## **2 DE ONDE PARTIMOS E COMO: JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA**

Enquanto estudante das questões de gênero e étnico-raciais, não apenas por interesse acadêmico, mas também por sobrevivência, vejo que a denominação "Europa brasileira", usada até os dias atuais, explicita um plano que é antigo: embranquecer a população sulista, tanto no discurso quanto na prática, moldando o imaginário sobre os gaúchos, paranaenses e catarinenses.

Este trabalho se justifica pelo reconhecimento e reafirmação do movimento negro no interior do Rio Grande do Sul, especificamente. Vivi em Porto Alegre, capital do estado, durante vinte e quatro anos da minha vida e foi ao me mudar para Santa Maria que encontrei um grupo de apoio constituído por pessoas negras. Isso não acontece em vão. O movimento negro de Santa Maria tem história nas mais diversas esferas: política, acadêmica, artística e religiosa, para citar apenas algumas.

O tema central deste trabalho é a CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras e as sujeitas de pesquisa são oito de suas bailarinas. Aqui, desejo retomar a história desse grupo, tendo como fonte o riquíssimo trabalho feito por Eveline Pena da Silva (2014) em sua dissertação de mestrado. Para contar a história da companhia, também retomarei a história do Museu Comunitário Treze de Maio, tendo como base os trabalhos de Giane Vargas Escobar (2010 e 2017). Também será relevante contextualizar a implementação do sistema de cotas raciais na UFSM. Para isso,

usarei como base os artigos de Maria Rita Py Dutra (2021) e Ana Lúcia Aguiar Melo (2007).

O objetivo principal deste trabalho é retomar a história da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras e a história do Museu Comunitário Treze de Maio, demonstrando como a existência de espaços como esses é capaz de impactar a vida das sujeitas envolvidas em sua construção e história.

Os objetivos específicos deste trabalho são 1) retomar a história da CIA de Dança Euwá-Dandaras e do Museu Comunitário Treze de Maio, a fim de endossar o coro de trabalhos que reafirmam a presença dos negros no interior do Rio Grande do Sul, 2) verificar a trajetória das bailarinas no ensino superior e 3) analisar como a política de ações afirmativas, mais especificamente a política de cotas raciais, impactou a vida pessoal e acadêmica de oito bailarinas da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras.

O problema desta pesquisa está na seguinte questão, que foi feita às oito bailarinas durante o levantamento de dados: a passagem pelo ensino superior afetou a vida das oito bailarinas, profissional e pessoalmente?

Como hipóteses, tenho a de que 1) a vida das oito dançarinas envolvidas no estudo foi impactada positivamente pelas políticas de ações afirmativas, tendo elas estudado em universidades públicas ou não, e 2) por mais que não tenham seguido a carreira acadêmica ou a profissão de sua área de conhecimento, as bailarinas foram impactadas positivamente pelo debate de cotas raciais, tendo esse debate influenciado na percepção de si dentro e fora da academia.

Em relação à metodologia, este trabalho utiliza a metodologia compreensiva, conforme definida por Isabel Carvalho Guerra (2012). Segundo a autora, metodologias compreensivas comumente defendem a passagem de um raciocínio lógico hipotético-dedutivo (cartesiano) para um raciocínio indutivo. Assim, a lógica de investigação deste trabalho não foi definida *a priori*: aqui, foquei no contexto de descoberta, formulando teorias ou modelos com base num conjunto de hipóteses que surgiram no decurso da investigação (GUERRA, 2012, p. 23).

Como *corpus*, usarei entrevistas feitas por Eveline Pena da Silva (2014) em sua dissertação de mestrado e entrevistas feitas por mim. Também fazem parte do *corpus* as fotografias, que foram retiradas de site de opinião e de divulgação.

### **3 MUSEU COMUNITÁRIO TREZE DE MAIO E A CIA DE DANÇA AFRO EUWÁ-DANDARAS: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA**

Antes de ser museu, o Treze de Maio foi um Clube Social Negro. Fundando em 1903 por quarenta e sete trabalhadores negros ex-escravizados (ESCOBAR, 2017, p. 244), o Clube Treze de Maio foi um clube social criado pela e para a população negra da época, que era proibida de frequentar outros clubes da cidade, destinados para brancos e denominados "clubes dos brancos", de acordo com Weber (2014, p. 7).

Figura 2 — Imagem da fachada do Museu Treze de Maio



Fonte: Site do Museu Treze de Maio. Site: <https://www.museutrezedemaio.com.br/p/pagina-inicial.html> . Consultado em 5 de fevereiro de 2021.

Apesar de ter sido palco de lindos bailes e de intervir na educação dos seus associados com o oferecimento de cursos e palestras, o Clube Treze de Maio entrou em processo de decadência no início dos anos 1990. Segundo Escobar (2010, p. 115), a principal causa para o declínio social do clube foi o fechamento da Sociedade Cultural Ferroviária, que tinha sede no clube desde sua criação. Entre outros motivos que contribuíram para o declínio do clube, está o fato de que outros clubes da cidade abriram as portas para todas as pessoas, independente de etnia, raça ou cor, além de problemas de gestão.



É em uma tentativa de preservação histórica e de ressignificação que no ano de 2001 nasce o Museu Comunitário Treze de Maio. Tendo um caráter comunitário, evidenciando que a construção do espaço deve vir da comunidade, o Treze, como é conhecido pela comunidade local, passou por um processo de revitalização, buscando ser, novamente, um espaço de festas, aulas e encontros.

Figura 3 — Foto de uma das apresentações da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras



Fonte: Página no Facebook da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras. Disponível em:

<https://www.facebook.com/afro.euwadandaras/posts/385519704911985>. Acessado em 5 de fevereiro de 2021.

Eveline Pena da Silva (2014, p. 40) afirma que "é impossível falar no Museu Comunitário Treze de Maio sem falar das Dandaras". Foi no movimento de reocupação do prédio do antigo clube, atual museu, que as dançarinas do Grupo de Dança Afro Euwá-Dandaras alinharam sua história à do Treze. Em 2005, o grupo de dança afro começou a oferecer oficinas no espaço do museu. Além dessas atividades, o espaço também era ocupado por mestres de capoeira, que compartilhavam o espaço oferecendo suas oficinas (SILVA, 2014), e por rodas de lembranças (ESCOBAR, 2017).

No ano de 2009, o Grupo de Dança Afro Euwá-Dandaras *torna-se* companhia, sendo reconhecido como CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras. Esse momento é caracterizado por mudanças: o grupo, que até então contava apenas com bailarinas mulheres e negras, passa a aceitar o ingresso de homens e de pessoas não negras em sua formação. Marta Iris Camargo Messias da Silveira, coordenadora e coreógrafa das Dandaras, membro da Geração 1<sup>1</sup>, afirma:

“Essa mudança faz parte de uma nova visão das Dandaras que, a partir de então, passa a ter o entendimento de que, para exaltar a memória e a tradição afrodescendente não é preciso ser negro, mas sim ter uma consciência e um engajamento com a causa, ou seja, partilhar o sentimento de negritude. Os objetivos do grupo continuaram sendo os mesmos, o que mudou foi o entendimento a respeito da interação e sociabilidade, uma vez que um grupo que atua na luta contra o preconceito e a discriminação não pode se fechar e discriminar, não acolher, um integrante devido somente à cor de sua pele.” (SILVA, 2014, p. 45).<sup>2</sup>

Sobre a transformação do grupo de dança em companhia, a coreógrafa afirma:

“esse período de transição foi uma conquista dos bailarinos e bailarinas, e foi um amadurecimento coletivo. Uma boa parte desse grupo já acompanha a Companhia há no mínimo dez anos, e esse é um facilitador, porque uma companhia *torna-se* uma companhia, ela não nasce uma companhia de dança, uma companhia de teatro não nasce uma companhia de teatro, ela *torna-se* uma companhia de teatro. Esse é o processo artístico, legítimo e legal. As Dandaras não construíram uma Companhia de Dança Afro, elas se *tornaram* uma Companhia de dança.” (SILVA, 2014, p. 44, grifos meus).

Atualmente, o Museu Comunitário Treze de Maio encontra-se fechado, mas com movimentações que indicam uma tentativa de reabertura: para o final de março de 2021, está marcada uma exposição virtual de artes que será transmitida do museu com o auxílio de plataformas on-line. Apesar de suas portas terem ficado fechadas por sete anos, o Museu Comunitário Treze de Maio sempre esteve ativo no movimento negro na cidade enquanto instituição. Hoje em dia, as atividades da companhia de dança estão pausadas devido à pandemia, tendo acontecido no espaço do Clube 21 de Abril anteriormente devido ao fechamento do Treze.

Neste trabalho, faço questão de chamar as mulheres negras que subiram aos palcos para performar em nome da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras de bailarinas em função do uso da palavra no trabalho de Silva (2014), mas também para trazer à memória uma situação vivenciada pela coreógrafa e coordenadora do grupo. Quando estudou no Coração de Maria, escola privada de Santa Maria, Marta relata:

---

<sup>1</sup> As gerações da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras serão abordadas na sessão a seguir.

<sup>2</sup> Segundo a coreógrafa, não havia presença de bailarinas não negras nas gerações que serão abordadas na sequência.

“[...] no Coração de Maria eu comecei a perspectivar um sonho por que, no Coração de Maria, como era particular, as atividades de educação física eram por clubes, né, do clube do futebol, do vôlei, do basquete e... do futsal, do jazz, do ballet... e eu... optei por fazer ballet, no segundo ano. E aí, era uma professora né... e eu não soube mais dela, nunca mais a vi, não lembro dela mais depois em todo o ensino fundamental, mas ela foi minha professora de ballet, e minha mãe se esforçou bastante, fez a saínia, aquela tradicional do ballet, comprou meia, sapatilha, malha e eu tinha a atividade de ballet nas aulas de educação física. No final do ano, depois que eu fiz praticamente um ano de ballet, minha mãe foi chamada na direção para dizer que era preciso escolher um outro clube pra mim, um outro clubinho de educação física, porque eu não tinha conseguido desenvolver a identificação com o ballet e que então (pausa), eu estava sendo orientada a sair das aulas da turma de ballet. E aí a minha mãe foi conversar com a professora, e perguntou por que, e que eu gostava tanto, estava me achando tão bem..., eu fiz um book, eu lembro que a minha mãe fez um book, preto e branco, com a minha roupa do ballet, foram fotos grandes, preto e branco, então tamanha a minha felicidade quando eu estava fazendo ballet, e a professora explicou pra minha mãe que o meu corpo não iria se adaptar ao ballet porque eu tinha um corpo muito desenvolvido, mexia muito os ombros, mexia muito os quadris, porque a minha origem era dos terreiros né, a gente dança... era do carnaval, das escolas de samba, então a minha postura pesava contra mim e eu, esteticamente não seria uma boa bailarina. [...] Foi uma experiência traumática né, porque hoje eu tenho quarenta anos e relato essa experiência do quanto as escolas não trabalham com a diversidade, não respeitam a cultura das crianças. Elas têm uma cultura na escola e tudo que estiver fora desse padrão de normalidade, a escola não aceita, seja ela particular ou pública.” (SILVA, 2014, p. 68)

Dessa forma, uso o termo *bailarina* também como forma de reivindicar o espaço que foi negado à coreógrafa, com o desejo de que o sonho de ser bailarina não volte a ser negado a outra criança negra por "ter um corpo muito desenvolvido", "mexer muito os ombros e os quadris" ou por "questões estéticas".

#### **4 CIA DE DANÇA AFRO EUWÁ-DANDARAS: GERAÇÕES E LIDERANÇAS**

De acordo com Silva (2014), o Grupo de Dança Afro Euwá-Dandaras foi criado em 1997 por Ivonete Carvalho, passando a ser coordenado por Marta Iris Camargo Messias da Silveira no mesmo ano e tornando-se companhia em 2009.

Marta Iris Camargo Messias da Silveira é Doutora em Educação pela UFBA e Mestre em Educação e graduada em Educação Física pela UFSM. Atualmente trabalha como docente no Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguiana. A cidade de Uruguiana, assim como Santa Maria, também é localizada no interior do Rio Grande do Sul, mas há diferença na localidade dentro do estado: Santa Maria fica na região central, já Uruguiana, na fronteira com o Uruguai.

Marta é coreógrafa e coordenadora da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras, sendo também uma figura central do grupo, visto que grande parte das pessoas que fazem a companhia funcionar tem alguma relação com ela. Como aponta Silva (2014):

"Partindo dela, as relações se dão da seguinte forma: seu marido, Paulo Silveira, é o produtor cultural, responsável, junto com ela, pelas apresentações, na cidade ou fora dela. Seus irmãos Waldomiro (Mestre Zinho), Wladimir, Adriano e Paulo Roberto são integrantes da percussão, sendo que Mestre Zinho é o que poderíamos chamar de coordenador da percussão, sendo o responsável por definir quem toca determinado instrumento, definir os ritmos mais adequados aos movimentos quando uma coreografia está sendo montada, e também é responsável por chamar os integrantes da percussão para os ensaios." (p. 61)

Dessa forma, a Geração 1<sup>3</sup> da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras é composta pelas pessoas citadas acima, cada uma com sua função: Marta, como coordenadora e coreógrafa; Paulo Silveira, como produtor cultural; Waldomiro Messias, responsável pela percussão, e Adriano Camargo Messias, Wladimir Camargo Messias e Paulo Roberto Cardoso da Silveira como percussionistas<sup>4</sup>. Também faz parte dessa geração a esposa de Paulo Roberto e cunhada de Marta, Marli Pena, que atua como figurinista. Essa geração se caracteriza por ter estudado, majoritariamente, em escolas públicas (a única exceção é a Marta, que estudou alguns anos em escola privada como bolsista), pelo trabalho remunerado precoce, por questões econômicas, e

---

<sup>3</sup> Os nomes das gerações (Geração 1, 2 3) foram todos dados por Silva (2014, p, 61).

<sup>4</sup> Como percussionista, também citamos Cléber Martins. De acordo com Marta Iris Camargo Messias da Silveira, Cléber Martins pertence à Geração 2.

consequentemente, pela não priorização dos estudos (alguns concluíram o ensino médio, outros não concluíram o ensino fundamental).<sup>5</sup>

As bailarinas que ofereceram dados para este trabalho fazem parte da Geração 2. Segundo Silva (2014):

"A maioria destas bailarinas tem uma relação bastante próxima com a coreógrafa, seja por relações de parentesco (duas sobrinhas), por relações de amizade ou por, simplesmente, estarem mais próximas a sua faixa etária, já que estas meninas têm entre vinte e dois e trinta e dois anos, com exceção de duas meninas, uma com quinze e outra com dezoito anos, que já foram inseridas nessa categoria por terem um longo tempo de vivências com as Dandaras." (p. 69)

Essa geração também se caracteriza pelo ensino básico em escolas públicas, mas se diferencia da Geração 1 por, em 2014, data de publicação do trabalho de Eveline Pena da Silva, estarem todas cursando o ensino superior, com a exceção de uma integrante mais nova que, na época da pesquisa, ainda cursava o ensino médio.

Por fim, a Geração 3:

"é composta pelas bailarinas mais novas, em idade e em tempo de inserção no grupo. São seis meninas, com idade entre treze e dezenove anos e que também possuem relações de parentesco entre si, mas nesse caso, não com a coreógrafa (três delas são irmãs entre si e primas de três outras meninas, sendo uma pertencente à Geração 2 e duas à Geração 3)." (SILVA, p. 71)

Ao contrário das Gerações 1 e 2, as integrantes da Geração 3, quando perguntadas sobre racismo nas escolas que frequentavam (também públicas), negaram ter sofrido racismo, embora o discurso durante a entrevista realizada por Silva (2014) mostre o contrário. Para exemplificar, cito abaixo um dos trechos da entrevista realizada. Quando questionada sobre discriminação no meio escolar, uma das integrantes da Geração 3 responde:

"Tipo assim, lá no Maria Rocha de tarde, é raro tu vê negros sabe, tipo nega assim do cabelo curto e ruim é eu e a Natália assim sabe, porque o resto é tudo moreninha clara assim. Na minha turma eu sou a única nega e tipo, lá no Maria Rocha é raro tu vê preto sabe. Então nos primeiros dias, tinha umas olhada de canto assim. E quando eu comecei a fazer cursinho no CNA foi meio estranho pra mim sabe, porque eu entrei como bolsista, nega, ainda tinha o cabelo diferente, sempre né, na sala todo mundo é branco, menos a Milena. Tu não vê preto lá dentro sabe, é todo mundo branco. E eu sempre sou a neguinha da sala. Aí tipo no início eu até ficava meio encabulada, não falava muito, porque tipo, eles estudam tudo no mesmo colégio, ou é Colégio Militar, ou é Sant'Anna ou é Santa Maria, ali do CNA, geralmente. Então eles já têm uma amizade, aí eu pretinha, bolsista, porque lá, tipo eles não escancaram, mas é fácil tu saber quem é e quem não é, e daí, tipo, era meio estranho, porque eu chegava e 'bah, chegou a negrinha' sabe." (p. 72)

---

<sup>5</sup> Aproveitamos a oportunidade para mencionar o nome das mães das Dandaras da Geração 2, como Maria Elaine da Silva, Vanda Tolentino Pires (*in memoriam*), Lucinery Branco Paz, Marli Celestino Pena da Silva e Gladis Rosa dos Santos.

A partir desses dados, podemos notar que a companhia vai além da participação da coreógrafa e das bailarinas. Havia envolvimento de todo um time responsável pela execução musical e pelos aspectos visuais de cada apresentação. Além disso, Silva (2014) destaca a necessidade do envolvimento de alguns dos membros com questões administrativas que precisavam ser resolvidas a cada apresentação, que frequentemente requeriam deslocamento. Além de terem os laços fortalecidos pela CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras, os membros da companhia também dividiam outros espaços, como a Escola de Samba Barão do Itararé, e compartilhavam outras afinidades, como a religiosa, por exemplo.

## **5 AÇÕES AFIRMATIVAS: UM BREVE CONTEXTO NACIONAL**

Segundo Sabrina Moehlecke (2002), "o termo ação afirmativa chega no Brasil carregado de sentidos, o que em grande parte reflete os debates e experiências históricas dos países em que foram desenvolvidas" (p. 198). Segundo a autora, a expressão tem origem nos Estados Unidos, nos anos 1960, época em que reivindicações democráticas internas passaram a ser articuladas pelo movimento negro e seus apoiadores. Essas movimentações eram uma resposta às leis segregacionistas que começavam a ser eliminadas do país.

Apesar da origem, a implementação da noção de ação afirmativa deve levar em consideração o contexto sócio-histórico no qual é aplicado. Como aponta Marta Íris Camargo Messias da Silveira (2009):

"As ações afirmativas são compreendidas enquanto instrumento político corretivo entre o princípio constitucional da igualdade e um complexo conjunto de relações sociais profundamente hierarquizadas e os resultados de sua aplicação nos Estados Unidos da América são tomados como exemplos paradigmáticos. Na análise da implementação das políticas de ação afirmativa e de seus resultados, há que se levar em conta o contexto das relações sociais em que tais políticas estão inseridas, sob pena de operarem reducionismos, tornando as análises simplistas e superficiais." (p. 57)

Em função disso, ao falarmos de ações afirmativas no Brasil, mais especificamente em sua aplicação no ingresso em universidades públicas, é preciso apontar que as cotas raciais são uma das formas pelas quais as ações afirmativas podem ser aplicadas, havendo possibilidades outras, baseadas em critérios socioeconômicos diversos. Na seção seguinte, ao abordarmos como se construiu a implementação de cotas raciais na UFSM, os percentuais indicarão outros desdobramentos da implementação da política de ações afirmativas.

No Brasil, a implementação de cotas raciais em universidades públicas deu um pequeno passo em direção ao reconhecimento de que a democracia racial no país é um mito que precisa ser combatido. Aqui, a política de ações afirmativas atua sob a premissa legal de que, para alcançar a igualdade, é preciso tratar os desiguais de acordo com as suas desigualdades.

Estudos comprovam que o desempenho acadêmico de alunos cotistas é igual ou superior aos de alunos não cotistas. Aqui, apontamos o estudo realizado por Bruna Caroline Moreira Silva, Wescley Silva Xavier e Thiago de Melo Teixeira da Costa (2020), que apresenta um teste de média em relação ao desempenho de alunos cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa, concluindo que, estatisticamente, não há diferença no desempenho entre os dois grupos na grande maioria dos cursos.

## 6 A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE COTAS E O EXÉRCITO ANTI-COTAS SANTA-MARIENSE

Figura 4 — Foto do exército anti-cotas na Avenida Rio Branco.



Fonte: Site do Levante Popular da Juventude. Disponível em:

<http://levantepopulardajuventude.blogspot.com/2012/08/exercito-anto-cotas-tropa-da-elite.html>

Acessado em 21 de março de 2021.

Em 2012, em Santa Maria, aconteceu uma manifestação promovida pelo denominado exército anti-cotas da cidade. Na Avenida Rio Branco, uma das principais avenidas do centro da cidade, cerca de 150 jovens protestavam por igualdade e educação de qualidade, de acordo com o blog do Levante Popular da Juventude (2012). Entretanto, as imagens indicavam que o debate era outro. Nos cartazes segurados pelos que marchavam, é possível ler dizeres como "Cotas, isso é igualdade?", "Queremos igualdade!" e "E as cotas para quem estuda?". A própria denominação do grupo denuncia a contradição: se o protesto era sobre igualdade e educação de qualidade, por que o exército se autodenominava "anti-cotas" e não "anti-desigualdade" ou "anti-precarização do ensino", por exemplo? O problema era racial.

De acordo com matéria publicada no site da Revista O Viés (2012), a manifestação foi organizada em 7 de agosto em um grupo no Facebook chamado "Contra os 50% de Cotas", uma resposta clara à aprovação do Projeto de Lei da Câmara 180/2008, na época aprovado no Senado Federal e em vias de ser sancionado pela então presidenta Dilma Rousseff. O projeto, que estava engavetado e que tramitava na casa desde 1999 (Dutra, 2021), dispunha a possibilidade de obrigatoriedade de 50% das vagas em universidades federais para cotas raciais e sociais. Apesar de afirmar no discurso que a marcha do exército anti-cotas era em prol da igualdade e da educação de qualidade, a manifestação era uma resposta a esse movimento.

A aprovação do Projeto de Lei da Câmara 180/2008 levou à sanção da Lei 12.711, em 29 de agosto de 2012, o que garantiu a reserva de 50% de vagas para cotas raciais e sociais.

Ana Lucia Aguiar Melo (2007) aponta que, apesar da sanção da lei em 2012, o debate sobre a implementação de cotas étnico-raciais tem história na cidade de Santa Maria, sendo fomentado pelo movimento negro da cidade desde 2003, quando foi criada a Coordenadoria de Políticas Públicas para a Comunidade Negra, na Secretaria da Assistência Social do município (2007, p. 50). Aqui, aproveito para ressaltar alguns acontecimentos importantes no debate sobre a política de cotas raciais na UFSM, como a realização do I Seminário Internacional sobre Ações Afirmativas da UFSM, em 2006; o II Seminário do AFIRME, em 2007, com a participação do Professor Antropólogo José Jorge de Carvalho, a elaboração da Resolução 011/2007 pelas Professoras Deisy Freitas Lima Ventura e Jânia Maria Lopes Saldanha, do Curso de



Direito da UFSM, em 2007, e sua aprovação, no mesmo ano, com 19 votos a favor e 18 contra. A aprovação da resolução:

"previa 10% de vagas para candidatos afro-brasileiros, denominados Cota A, no vestibular de Janeiro/2008, chegando a 15% em 2013; 5% de vagas para candidatos portadores de necessidades especiais, a chamada Cota B; 20% das vagas para alunos provenientes de escolas públicas – EP, denominados como Cota C; e 5 vagas suplementares para indígenas, denominados Cota D, progredindo gradualmente para 8 vagas, em 2009, e 14 vagas, em 2012." (DUTRA, 2021).

Com isso, temos a seguinte linha do tempo:

1. Em 2007, a aprovação da Resolução 011/2007 da UFSM, que previa um aumento gradual no percentual de reserva de vagas para cotistas (afro-brasileiros, portadores de necessidades especiais, alunos provenientes de escolas públicas e indígenas) até o ano de 2013;
2. Em 7 de agosto de 2012, a aprovação do Projeto de Lei da Câmara 180/2008, que estava engavetado e que tramitava na casa desde 1999 e dispunha a obrigatoriedade de 50% das vagas em universidades federais para cotas raciais e sociais;
3. Em 16 de agosto de 2012, acontece a manifestação do exército anti-cotas de Santa Maria;
4. Em 29 de agosto de 2012, a presidenta Dilma Rousseff sanciona a Lei 12.711/2012, também conhecida como Lei das Cotas. A lei tem aplicabilidade em nível federal e em todas as instituições federais de ensino superior (cursos técnicos e graduações), prevendo uma reserva de 50% por curso e turno para estudantes oriundos de escolas públicas, com reserva de vagas para estudantes negros, pardos e indígenas, de acordo com o percentual populacional local dessas etnias,
5. Em 2014, a UFSM implementa o sistema de cotas na UFSM de acordo com a Lei 12.711/2012 pela primeira vez.

Apesar de a Lei 12.711/2012 estar sendo aplicada desde 2014 no ingresso de alunos em níveis da graduação na UFSM, a instituição de ensino não apresenta nenhuma política de ação afirmativa para ingresso em pós-graduação.

## 7 METODOLOGIA

Este trabalho utiliza a metodologia compreensiva, conforme definida por Isabel Carvalho Guerra (2012). Segundo a autora, metodologias compreensivas comumente defendem a passagem de um raciocínio lógico hipotético-dedutivo (cartesiano) para um raciocínio indutivo. Nesse cenário:

"a lógica de investigação não é gerada *a priori* pelos quadros de análise do investigador, que espera conseguir encontrar essa lógica através da análise do material empírico que vai recolhendo. A intenção dos investigadores não é comprovar hipóteses definidas *a priori* e estanques, mas antes identificar as lógicas e racionalidades dos actores confrontando-as com o seu modelo de referência. A consequência imediata é que o trabalho de construção do objeto, da análise e das hipóteses é contínuo desde o início até o fim da pesquisa" (p. 22).

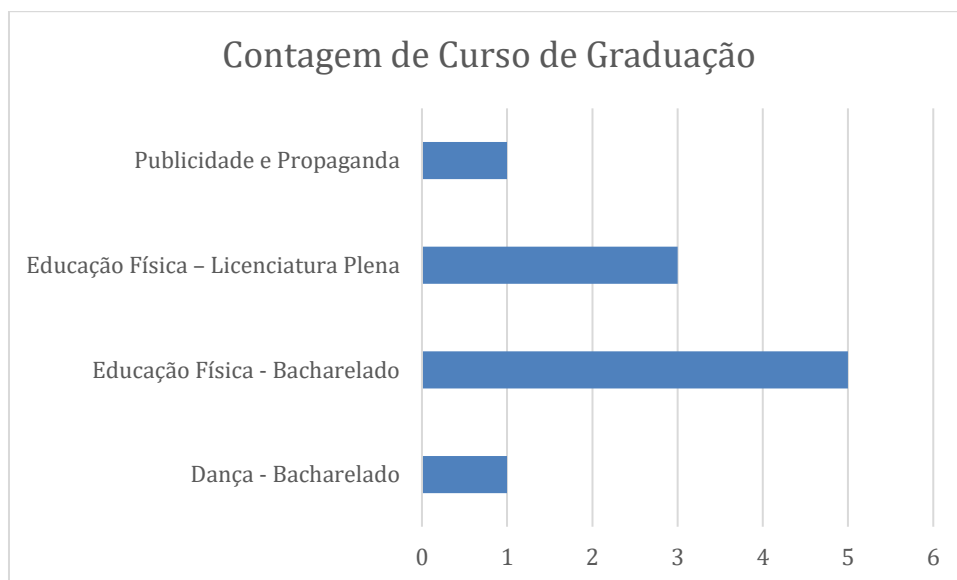
Ainda segundo Guerra, metodologias hipotético-dedutivas focam no contexto de descoberta, formulando teorias ou modelos com base num conjunto de hipóteses que podem surgir no decurso da investigação (p. 23).

A coleta dos dados para esta análise começou com algumas lacunas a serem preenchidas, visto que os dados iniciais foram coletados por intermédio da Coordenadora Marta. Em uma conversa informal com a Professora, tive acesso à instituição de ensino de algumas das bailarinas, assim como datas de ingresso e egresso em cursos de nível superior (graduação, especialização, mestrado e doutorado). Entretanto, as informações iniciais estavam incompletas. Buscando uma melhor visualização das informações obtidas, organizei os dados em tabela para localizar os espaços vazios de forma específica.

Assim que finalizei a disposição dos dados em tabela, entrei em contato diretamente com as bailarinas (os contatos foram oferecidos pela Coordenadora Marta). Assim, comecei um diálogo com cada uma delas, perguntando pontualmente sobre as informações faltantes, além de confirmar as informações que tinham sido oferecidas anteriormente de forma indireta.

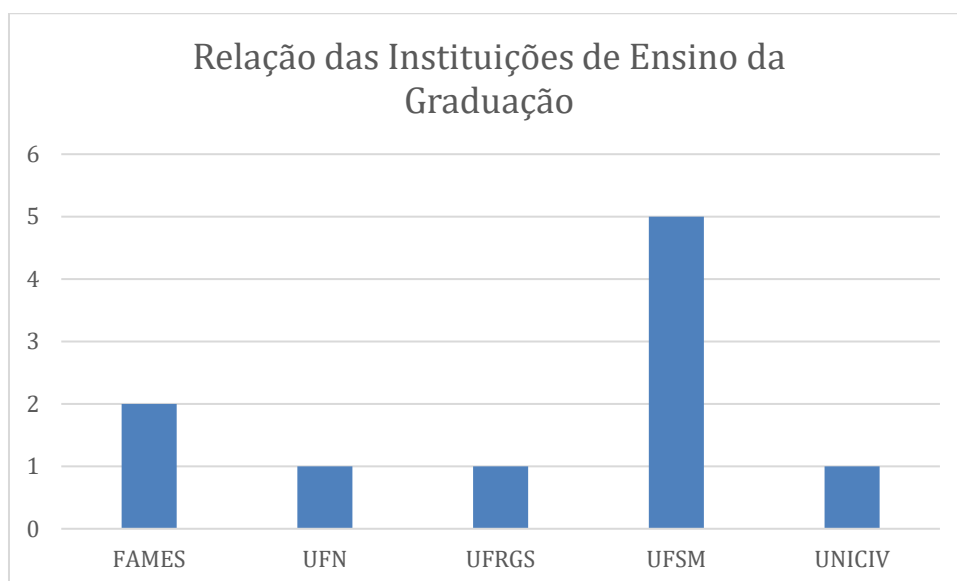
Já de início, obtive indicativos de que a participação na CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras casou impacto na vida das bailarinas, visto que seis das oito que participaram deste estudo acabaram seguindo os passos da coreógrafa, optando por uma graduação em Educação Física. Dessas seis bailarinas, uma concluiu o curso tanto na modalidade bacharelado quanto licenciatura e outra segue o mesmo caminho, cursando atualmente na modalidade bacharelado após ter se formado em

licenciatura. Das duas bailarinas que não optaram por essa área de conhecimento, uma delas cursou Dança; a outra, Publicidade e Propaganda, conforme gráfico abaixo.



Em função disso, observamos que, apesar da análise contar com o levantamento de dados a respeito de oito bailarinas, no gráfico são apontados dez cursos de graduação, pois duas bailarinas têm mais de uma formação.

Das oito participantes, cinco delas cursaram uma graduação na UFSM e uma na UFRGS, ambas universidades públicas. Duas cursaram uma graduação na FAMES, uma na UFN e outra na UNICIV, sendo essas universidades privadas.



Em relação à continuação no ensino superior, o primeiro levantamento de dados mostrou que duas bailarinas optaram, eventualmente, por cursos de especialização, sendo que uma delas encontra-se, no ano de 2021, no segundo curso de especialização. Quatro bailarinas entraram no mestrado, distribuindo-se em três áreas: Ciências Sociais, Educação Física e Artes Cênicas. Todos os cursos de mestrado foram realizados em instituições públicas, dividindo-se entre UFSM e UFRGS. Atualmente, duas bailarinas encontram-se no doutorado, uma na área da Educação e outra na área interdisciplinar das Ciências Humanas.

Após a análise dos dados iniciais, as bailarinas foram submetidas às seguintes perguntas, informalmente:

1. Você lembra de estar envolvida nos debates a respeito da implementação de cotas raciais na UFSM? (2007)
2. Qual sua profissão e condição financeira antes de entrar no ensino superior?
3. Atualmente, você atua na área de conhecimento do seu curso de ensino superior?
4. A passagem pelo ensino superior mudou sua vida profissional (em termos de condição financeira, campo de trabalho, etc) e subjetivamente (questões de autoestima, conhecimento de pautas raciais, etc)?

Devido ao isolamento social, medida tomada por algumas instituições públicas e privadas como combate à pandemia do coronavírus (COVID-19), as questões listadas acima foram feitas de forma on-line. As oito bailarinas receberam as perguntas por redes sociais, entretanto, apenas três delas enviaram respostas.

As perguntas foram enviadas por escrito, mas as participantes foram informadas que, caso desejassem, poderiam responder por mensagem de áudio. Achei importante ressaltar essa possibilidade para facilitar e incentivar a participação das bailarinas.

Decidi por não usar o nome real das interlocutoras no trabalho; sendo assim, escolhi nomes de rainhas negras para representar cada uma delas durante a análise.

## 8 RESPOSTAS E ANÁLISES

A primeira bailarina, Njinga, estudou Educação Física na FAMES. Ela ofereceu respostas sucintas e por escrito, respondendo positivamente à primeira pergunta. Apesar de lembrar de estar envolvida nos debates a respeito da implementação das cotas raciais na UFSM, não desenvolveu sua resposta. Njinga informou que, antes de ingressar no ensino superior, fazia bicos como babá e professora particular, mas não especificou o assunto ou conteúdo das aulas. Atualmente, ela não atua em sua área de formação, mas afirmou ter certeza de que a passagem pelo ensino superior afetou positivamente sua vida profissional e subjetiva, embora não tenha fornecido maiores detalhes sobre esse impacto.

A segunda bailarina, Dandara, também optou por oferecer respostas por escrito. Ela lembra de estar envolvida nos debates a respeito da implementação de cotas raciais na UFSM, tendo participado de vigília na reitoria. Dandara aproveitou essa pergunta para informar que ingressou na UFSM pelo sistema de cotas em 2012, no curso de Educação Física. Antes de entrar na universidade, Dandara trabalhava de caixa no comércio e recebia um salário mínimo. Ao contrário de Njinga, atua em sua área de conhecimento como educadora física em um hospital. Ao ser perguntada sobre o impacto da passagem pelo ensino superior em sua vida profissional e subjetividade, Dandara afirma:

"Minha vida mudou muito depois do curso, atuo dentro da área de conhecimento, minha parte financeira melhorou, meu emprego me coloca em destaque por ocupar um espaço onde o negro tem pouca visibilidade. Na área da saúde, quando você enquanto negra percebe o quanto teus pacientes se espelham e se orgulham de se ver representados, eleva muito minha autoestima. E considero que todas as pautas levantadas sobre questões raciais foram e continuam sendo importantes para que mais negros acreditem na capacidade que têm de ocuparem todos os espaços." (Dandara)

A terceira bailarina, Nefertiti, cursou Educação Física na modalidade licenciatura na UFSM e, atualmente, está no último semestre do mesmo curso, modalidade bacharelado, na UFRGS. Ela lembra de estar envolvida em debates que aconteciam na CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras. Diz que muito se comentava sobre a implementação de cotas raciais na UFSM no grupo, apontando que algumas das bailarinas já haviam ingressado nessa universidade, que umas estavam entrando e outras prestes a prestar o vestibular. Antes de ingressar no ensino superior, Nefertiti dava aulas de ballet clássico e era subsidiada financeiramente pela família, pois algumas despesas não eram quitadas com o dinheiro recebido das aulas de ballet e

das participações da companhia em projetos que tinham recursos financeiros. Atualmente, Nefertiti não atua diretamente em sua área, que é Educação Física, mas atua de forma indireta. Afirma que a passagem pelo ensino superior mudou sua vida profissional, pois abriu outros campos de trabalho. Foi diante dessa pergunta que Nefertiti deu maiores informações sobre sua profissão atual: ela trabalha com a autoestima de mulheres, falando pouco sobre as questões de cotas raciais na profissão.

No artigo *A Mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica* (2018), Lélia Gonzalez aponta que o censo de 1950 foi, à época, o último a fornecer dados objetivos e indicadores básicos relativos à educação da mulher negra. O levantamento apontou que o nível de educação entre mulheres negras era baixo, sendo o analfabetismo o fator dominante. Já em relação às atividades econômicas, "apenas 10% trabalhavam na agricultura e/ou na indústria (sobretudo têxtil, e em termos de sudeste-sul); os 90% restantes concentrados na área de prestação de serviços pessoais" (p. 43).

Já em *Transformações no acesso ao ensino superior: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo*, Edilza Correia Sotero (2013) aponta que houve um crescimento na educação superior enquanto setor nos anos 1990, principalmente a partir de 1998. O conjunto das mulheres teve melhor desempenho no ensino superior de 1995 até 2009, estando presentes em maior número. A autora pontua que o crescimento no setor se deu de forma mais expressiva no âmbito das instituições privadas, sendo menor no âmbito das instituições públicas.

Ao fazer um mapeamento de etnia e raça nos dados apresentados, os gráficos apontaram que, apesar do crescimento no setor da educação superior do ano de 1995 até 2009, o índice de desigualdade racial nesses dados não caiu durante o período, sendo as mulheres brancas o maior público das instituições públicas e privadas de ensino, seguidas de homens brancos, mulheres negras e homens negros (p. 39).

É nesse contexto histórico de desigualdade de gênero e étnico-racial no ingresso ao ensino superior que as oito bailarinas da CIA de Dança Euwá-Dandaras acessaram o ensino superior do ano de 2004 a 2018. Apesar de compartilharem esse passado de desigualdades com milhares de outras mulheres negras do Brasil, elas se destacam por contarem com um grupo de apoio consolidado, no qual o debate étnico-racial é questão central, abordando temas como religião, cultura e também o direito às cotas raciais para o ingresso no ensino superior.

Além de terem o apoio de homens e mulheres negros mais velhos e experientes (Geração 1), as bailarinas participantes deste estudo tinham também umas às outras. Conforme aponta Nefertiti em seu relato, quando os membros da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras falavam sobre cotas raciais, algumas das bailarinas já estavam na graduação, umas estavam prestes a entrar e outras se preparavam para prestar o vestibular.

Apesar de nem todas as bailarinas atuarem em sua área de conhecimento, todas que responderam às perguntas afirmam que sua passagem pelo ensino superior mudou sua vida, principalmente em questões financeiras. Entretanto, é possível apreender dos discursos que suas vidas também foram impactadas em aspectos subjetivos. Isso fica perceptível quando duas das bailarinas que responderam às perguntas tocam na questão de gênero (Nefertiti, ao mencionar que trabalha com a autoestima de mulheres, e Dandara, ao falar da importância das pautas que envolvem questões raciais).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não obteve os resultados esperados, visto que apenas três das oito bailarinas envolvidas no processo inicial de levantamento de dados deram retorno às perguntas centrais do trabalho. Apesar disso, entendemos que o silêncio dessas mulheres negras produz sentido, ainda quando levamos em consideração a vulnerabilidade do povo brasileiro no presente momento. Vivenciamos uma pandemia global causada não apenas pela disseminação de um vírus, mas também pelo descaso de um governo com políticas genocidas. Apenas estudos futuros serão capazes de apontar o impacto desses tempos difíceis em nossa psique de forma científica (mais especificamente na psique de mulheres negras). Levando em consideração o desgaste físico e mental diante desse momento de crise, trabalhei com as informações fornecidas, evitando agir como mais um fator de pressão e cobrança no cotidiano das participantes.

As hipóteses do trabalho foram confirmadas. Conforme os relatos de Dandara e Nefertiti, principalmente, a vida das bailarinas foi impactada positivamente pelas ações afirmativas, seja pelo ingresso efetivo por meio de cotas raciais ou simplesmente pelo debate, que era frequente na CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras. As bailarinas afirmam um impacto positivo, por mais que, atualmente, algumas delas não tenham atuação direta em sua área de conhecimento.

Retomando a história da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras e do Museu Comunitário Treze de Maio, este trabalho reafirmou a presença de sujeitos negros no interior do Rio Grande do Sul, fazendo coro a trabalhos que são anteriores e de extrema relevância para o debate sobre a presença e o registro dos sujeitos negros no Rio Grande do Sul, mais especificamente no interior do estado.

Ao verificar a área de conhecimento de cada uma das bailarinas participantes, ficou evidente a importância da imagem da Coordenadora, Coreógrafa e Professora Marta Iris Camargo Messias da Silveira, visto que seis das oito bailarinas seguiram os mesmos passos da liderança ao cursarem Educação Física.

A CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras mostrou-se um diferencial na vida das bailarinas, envolvendo-as no debate sobre cotas raciais e na ação política, como é o caso de Dandara, que fez vigília na reitoria. Além disso, a companhia criou uma rede



de apoio para as bailarinas, que, ao ingressarem no ensino superior, serviam de exemplo de possibilidade para as que estavam prestes a ingressar.

Considero que o problema de pesquisa foi resolvido, visto que Njinga, Dandara e Nefertiti relataram mudanças em suas vidas profissionais antes e depois do ingresso no ensino superior. Focando mais especificamente em Dandara e Nefertiti, que dissertaram em suas respostas, suas vidas profissionais foram impactadas positivamente, pois elas tiveram melhora no aspecto financeiro (Dandara) e mais opções de campos de trabalho (Nefertiti). Além disso, ambas também foram impactadas subjetivamente, visto que suas falas abordam questões raciais (Dandara) e de gênero (Nefertiti).

Gostaria de encerrar este trabalho retomando a fala das bailarinas da Geração 3, que afirmaram nunca terem sofrido racismo (embora o discurso demonstrasse o contrário), lembrando sempre, nas palavras de Angela Davis, que a liberdade é uma luta constante.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo. Onde estão os negros no Rio Grande do Sul? **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 jul. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/especial/onde-est%C3%A3o-os-negros-do-rio-grande-do-sul-1.381578>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- BOCA JORNALISMO. **O Museu Treze de Maio segue fechado: como anda a consciência negra em Santa Maria?** Santa maria, 02 dez. 2017. Disponível em: <https://bocajornalismo.com/2017/12/02/o-museu-treze-de-maio-segue-fechado-como-anda-a-consciencia-negra-de-santa-maria/>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- CIDADE EM FOTOS. Disponível em: <https://cidadesemfotos.blogspot.com/>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- DUTRA, M. R. P. O AFIRME e a política de cotas na UFSM. In: MELO, A. L. A. e FILHO, J. L. M. (Org.). **10 anos de ações afirmativas na UFSM**: Santa Maria: Editora da UFSM, 2021, p. 139-156.
- MELO, A. L. A. Ações afirmativas na Universidade Federal de Santa Maria: diversidade para combater as desigualdades. In: DUTRA, M. R. P., QUEVEDO, J. (Org.) **Nas Trilhas da Negritude**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 2007, p. 43-54.
- ESCOBAR, G. V. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- ESCOBAR, G. V. "**Para encher os olhos**": Identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal **A Razão (1960-1980)**, 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.
- FACEBOOK. **CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras**. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/afro.euwadandaras/photos/a.385519698245319/385519671578655/>> Acesso em: 5 de fevereiro de 2021.
- GONZALEZ, L. A Mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. 1. ed. Filhos da África, 2018, p. 34-51.
- GUERRA, I. C. A Diversidade de Paradigmas de Referência e os Pressupostos das Metodologias Compreensivas. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso**. 1. ed. Portugal: Príncipia, 2012, p. 10-26.
- KILOMBA, G. Dizendo o Indizível. In: **Memórias da plantação - Episódios de racismo**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 71-93.
- LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Santa Maria, 2012. Disponível em: <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com/2012/08/exercito-anto-cotas-tropa-da-elite.html> Acesso em: 11 fev. 2021.
- REVISTA O VIÉS. "**Deixa o preto estudar**". Disponível em: [https://www.revistaovies.com/2012/08/17/deixa-o-preto-estudar/?fbclid=IwAR0E\\_KQ6LQfMOMTj4HYyjEGE\\_TpJ8VrrBmNMetKgjdb-liiD-SSLBqSUI4](https://www.revistaovies.com/2012/08/17/deixa-o-preto-estudar/?fbclid=IwAR0E_KQ6LQfMOMTj4HYyjEGE_TpJ8VrrBmNMetKgjdb-liiD-SSLBqSUI4) Acesso em: 11 fev. 2021.

SILVA, B. C. M., XAVIER, W. S. e COSTA, T. M. T. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. **Administração Pública e Gestão Social**, Viçosa, vol. 12, núm. 3, jul/set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/6125> Acesso em: 25 mai. 2021.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, nov., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/NcPqxNQ6DmmQ6c8h4ngfMVx/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25 mai. 2021.

SILVA, E. P. **Cia de Dança Afro Euwá-Dandaras: um estudo sobre a (re)significação identitária e étnica em jovens negras na cidade de Santa Maria/RS**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SILVEIRA, M. R. C. M. **O movimento social negro: da contestação às políticas de ações afirmativas e a implicação para aplicação da Lei Federal 10.639/03 – O caso da rede municipal de ensino de Santa Maria-RS**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, BA, 2009.

SOTERO, E. C. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília, p. 35-52, 2013. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=735](https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=735) Acesso em: 25 mai. 2021.

TESCHE, Otto. Localidades de Santa Cruz do Sul recebem placas bilíngues. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 set. 2019. Disponível em: < <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/localidades-de-santa-cruz-do-sul-recebem-placas-bil%C3%ADngues-1.367481> > Acesso em 05 fev. 2021.

UOL. **Ranking de Universidades**. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-universidades/principal/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

WEBER, L. I. **O Museu Treze de Maio e o Movimento Negro em Santa Maria/RS**, 2014, 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História do Brasil) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.